



INTERVALO ANALÍTICO

Editorial

Costumo brincar que associo congressos a um buffet variado, onde sempre se corre o risco de escolher a iguaria errada ou sobrecarregar o prato e atrapalhar a digestão. Creio, no entanto, que o XXII Congresso Brasileiro de Psicanálise nos permitiu desfrutar satisfatoriamente de seu cardápio, cujo prato principal foi a Psicanálise reinventada e revitalizada. Nas diversas mesas, cursos, conversas, a constatação de que o saber sonhado por Freud se fortalece e permanece, quando os psicanalistas se deixam atingir pela potência radical da alteridade, seja no consultório, seja nas trocas com a cultura.

Importante ressaltar a participação expressiva da “Brasileira” no evento. Saiba mais na pág 2.

Ainda carregados das reflexões pós congresso assistimos em nosso espaço societário aos diálogos fecundos entre a psicanálise e a literatura, a filosofia, a física quântica, o cinema. Os textos inspirados de Gallego e Aida Ungier dão testemunho desses momentos.

E foi apostando na força do diálogo que tivemos o primeiro Fórum Permanente de Debates, compromisso da gestão atual, que cumpriu o papel de discutir e encaminhar questões pertinentes à formação e aos impasses de nosso percurso institucional. Sua periodicidade será trimestral e o próximo acontecerá em 17 de agosto. Wania Cidade nos conta sobre esta primeira reunião na pág 2

Dentro do contexto de intercâmbio, o Simpósio “A Questão da Saúde Mental nas Comunidades de Países de Língua Portuguesa [CPLP], organizado dentre outros por nosso colega Ney Marinho [veja texto aí ao lado] abre-nos a possibilidade de travar contato com as semelhanças e a diversidade da realidade de nossos irmãos na língua. O encontro acontecerá em julho no IPUFRJ.

Em junho a Programação Científica vem com um tema quente. O Amor e o Ódio serão discutidos por nossos pares a partir de vários enfoques teóricos num simpósio que vem detalhado em encarte nesta edição. Bom proveito!

Sandra Gonzaga e Silva



Anna-Maria Bittencourt no Congresso



Sessão Clínica: Oscar Carrera e Maria Teresa Mancini

Razão e Loucura na Comunidade Sobre o Simpósio *A Questão* da Saúde Mental na CPLP

Como todos foram comunicados, as comemorações dos 50 anos de nossa Sociedade vão prosseguir com um amplo encontro de representantes de todos os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa [CPLP] para, nos dias 3 e 4 de julho, discutir a questão da saúde mental em nossas culturas. Esta inédita oportunidade de reunir diplomatas, profissionais da área da saúde mental, escritores, estudantes, intelectuais e todos os interessados no tema, só está sendo possível graças ao esforço de vários colegas, à parceria com a ABP e a APERJ, ao apoio da FEBRAPSI e IPA e a decisiva colaboração da UFRJ – através da Profa. Sylvia Vargas, que nos colocou em contato com competentes e entusiastas professores ligados ao projeto da CPLP – e do MRE, cujo titular – Embaixador Celso Amorim – por meio do Departamento África 2, além de patrocinar a vinda dos representantes de São Tomé e Príncipe e de Moçambique, colocou os serviços de nossa embaixada em Dili para ajudar-nos, com êxito, a localizar o representante do Timor Leste. Agradecemos também ao Prof. Antonio Pacheco Palha, idealizador da Associação de Saúde Mental dos Países de Língua Portuguesa [ASMELP], que nos propiciou o contato com todos esses colegas espalhados pelos nossos distantes países.

Estes agradecimentos não têm um aspecto formal e protocolar, como muitas vezes ocorre, mas revelam uma sintonia da Universidade, do MRE, de muitas entidades e colegas no entendimento da importância de construirmos efetivamente uma comunidade entre nossos povos. Esse é o espírito do encontro e, em consequência, a proposta de início de um intercâmbio permanente. O convite ao grande africanista brasileiro – embaixador e membro da Academia Brasileira de Letras Alberto

da Costa e Silva – para a conferência de abertura sintetiza a seriedade que emprestamos a este empreendimento.

Há outros pontos que julgamos oportuno frisar: pensamos sempre a saúde mental como uma questão, certamente, tão difícil de apreender como a da loucura, uma não existindo sem a outra. Esperamos que a reunião de representantes de culturas tão diversas quanto próximas, tanto pela língua como pela história, venha a fornecer elementos para uma rica reflexão a respeito. Nesta mesma linha de pensamento abrimos espaço para o debate das manifestações coletivas de irracionalidade, produzidas pelas catástrofes, naturais ou provocadas, incluindo-se nas últimas desde as guerras até a manutenção de condições brutais de desigualdade, injustiça e exclusão social. Reservamos também um espaço para a troca de experiências artísticas, através do cinema e da literatura, atividades que sempre estiveram muito próximas de todos aqueles que se dedicam ao estudo das “velhas ou novas doenças da alma”.

Ao lado da programação divulgada procuraremos estimular a difusão de projetos de intercâmbio, venda e autógrafo de livros, divulgação do trabalho dos médicos sem fronteiras e uma programação social que será, em breve, publicada.

O Simpósio ocorrerá no Instituto de Psiquiatria da UFRJ e, descontados os lugares reservados aos estudantes bolsistas da CPLP, teremos somente 150 a oferecer. Assim, pedimos aos interessados que façam logo que possível suas inscrições, lembrando que já estamos recebendo solicitações de outros estados.

Ney Marinho
p/Comissão Organizadora

Notícias do Congresso

Uma boa medida de avaliação sobre a qualidade de um congresso está nas conversas de corredor entre as atividades. Curiosidade sobre o que os colegas assistiram, trocas de informações sobre o que se pretende assistir, discussões que continuam além das salas, idéias para eventos futuros, essa foi a tônica do último Congresso Brasileiro de Psicanálise.

O tema compulsão, muito presente na clínica contemporânea e no ambiente cultural, certamente contribuiu para o sucesso. Mas o destaque maior é para a própria Psicanálise que deu mostras da capacidade de se renovar sem abandonar suas tradições. O diferencial que se apresentou nesse Congresso foi o fato que, após um longo período de perplexidade com as mudanças na clínica, na cultura e na profissão, os psicanalistas estão elaborando estratégias teóricas e terapêuticas consistentes para dar conta da realidade atual.

Bernard Midownik

Acometido de forte gripe fui levado a retirar-me mais cedo do Congresso, o que prejudicou que tivesse uma visão mais global do evento. Do que assisti, pude constatar a presença de um público jovem e majoritariamente feminino constituído, possivelmente, por estudantes e profissionais debutantes. Nas discussões a que compareci este fato teve duas consequências. De um lado demonstrou o grande e revigorado interesse pela psicanálise, embora por outro não tenha gerado debates acalorados na audiência. A simultaneidade das atividades e a exiguidade do tempo, certamente também contribuíram para este fator

Os trabalhos vistos, evidenciaram por parte dos palestrantes, sólido conhecimento do assunto abordado e um esforço de pesquisa bibliográfica pertinente capazes de produzir textos de acurado rigor teórico e clínico.

Selecionar apresentadores ou temas para assistir é sempre uma tarefa injusta para com os demais. Guiiei-me por ouvir colegas com quem não compartilho a experiência na SBPRJ e posso afirmar que saí bastante satisfeito com as explicações. No entanto, frustrou-me a discussão sobre o material clínico de adulto. A ausência do analista responsável limitou o debate. Questões fundamentais sobre a história familiar do paciente ou mesmo sobre sua sintomatologia ficaram prejudicadas. A atividade me pareceu mais um discreto exercício clínico do que uma apresentação de peso sobre um material substancialmente colhido.

Sergio Almeida

Ouvi muitos elogios ao Congresso e demonstrações de satisfação dos participantes com a qualidade dos cursos, das conferências, seu enriquecimento com o convívio, as trocas, o brilhantismo de muitos palestrantes. A vontade de assistir mais do que se conseguiu é, talvez, o maior elogio a um evento.

Para mim, que tenho desde sempre preocupação com o futuro e com a circulação do conhecimento, o enorme prazer de ver um número tão grande de jovens alunos do Brasil afora circulando entre os analistas "Senior", os "Junior", os alunos dos Institutos, os colegas de outras Instituições Psicanalíticas.

Os congressos brasileiros deste novo milênio têm confirmado o interesse da juventude pela Psicanálise. Aplaudo os colegas apresentadores que souberam

mostrar a profundidade e o rigor de seus conhecimentos a nós e aos novos, convidando-os a estudar sempre mais até que possam caminhar sozinhos.

Marly Dias

O Congresso foi um sucesso! Não só pelo surpreendente número de inscritos, que lotaram as salas de conferência, mas também pelo conteúdo dos trabalhos apresentados. O Pré-Congresso foi um ótimo começo: com mesas compostas por trabalhos de excelente qualidade, levantando questões instigantes sobre a psicanálise na atualidade, além das mesas de supervisões. E – que orgulho! – lá estava também a colega Paola Amendoeira representando os candidatos da nossa sociedade, trazendo importantes contribuições para o tema de sua mesa: "A demanda da clínica atual atende às necessidades de uma formação psicanalítica?" Seu trabalho serviu de referência não só na discussão da sua própria mesa, mas também em discussões posteriores. Nessa mesma noite tivemos a abertura oficial do Congresso. Que aula maravilhosa sobre compulsão nos deu o Cláudio Eizirick! Como candidata, fiquei muito orgulhosa do nosso presidente da ABC, Eduardo Mendez, candidato de Pelotas, que, compondo a mesa de abertura, fez um belo discurso.

Uma novidade desse Congresso foi o uso de um mesmo material em todas as salas simultâneas de discussão de casos clínicos. Alguns não gostaram do aspecto anônimo desse exercício. Todavia, foi interessante observar, na hora do cafezinho a troca de experiências entre o que foi discutido em outras salas, e constatar que, de forma geral, as impressões divergiam muito pouco.

No mais, vale destacar também, o curso de Técnica Psicanalítica coordenado por Rosa Lang e Roosevelt Cassorla. De alguns escutei: "valeu pelo congresso inteiro".

Karla Loyo

Encontros da ABC

É com grande satisfação que trago notícias dos encontros da ABC [Associação Brasileira de Candidatos] no XXII Congresso Brasileiro de Psicanálise. O primeiro evento foi o lançamento do livro *Construções*, organizado pela atual diretoria da ABC presidida por Eduardo Brod Méndez, que reúne artigos de candidatos das sociedades do Brasil todo. Foi um encontro interessante, onde analistas mais antigos deram depoimentos de suas passagens pela Associação. Nossa sociedade está muito bem representada no livro com o artigo da colega Gláucia Pessoa. Cada candidato terá direito a receber um exemplar do livro, que é um presente pelos 15 anos da ABC. Quem não adquiriu o seu no Congresso, é só retirá-lo na secretaria da SBPRJ.

Tivemos ainda duas reuniões, uma para discutir assuntos administrativos e a outra para eleger a nova chapa com candidatos da sociedade de Ribeirão Preto, cidade que irá sediar o próximo congresso e aprovar aumento da mensalidade de R\$5,00 para R\$7,00. Houve também a festa de confraternização, onde tivemos ótimas possibilidades de troca com colegas do Brasil inteiro ao som do samba no bar Sacrilégio na Lapa.

Coloco-me à disposição para esclarecer dúvidas, ou aprofundar algum desses assuntos.

Maria Carolina B. Quintanilha
Representante dos alunos na ABC

Debater para crescer

No dia 19 de maio tivemos o primeiro encontro do Fórum Permanente de Debates. Apesar de sermos apenas 18 pessoas [10 membros e 08 alunos], consideramos um bom número para começar.

Inicialmente, fez-se um silêncio próprio de quando não sabemos o que falar, mas quebrada a barreira, surgiram questões sobre o que nos constitui como sociedade psicanalítica. Ao terminar a reunião, houve consenso quanto ao bom aproveitamento que conseguimos na ocasião.

Entre outros assuntos, os alunos questionaram as alterações estatutárias que resultaram no impedimento de suas participações nas assembleias por intermédio de seus representantes, na cassação do direito a 01 voto, na eleição do diretor do Instituto e, também, na mudança de nomenclatura de membro provisório para candidato/aluno. Outro tema presente foi a interrogação sobre a participação da Sociedade na discussão da Saúde Mental.

Uma constatação foi que a concepção de Sociedade que se impôs a partir da intervenção de 1992 ainda gera mal-estar, e este foi repetido e atualizado na fala das representantes de alunos, Karla Loyo e Magda Costa. As argumentações foram consistentes e o desejo de mudança coerente com o momento atual da Instituição.

Talvez, o Fórum Permanente de Debates seja o palco onde vamos discutir e elaborar, como bem disse Eloá Bittencourt, os traumas e rupturas institucionais que tanto influenciam nossa forma de ser atual.

Descendentes freudianos que somos não podemos deixar de crer no "devir", na possibilidade de "transformação incessante".

Wania Cidade

CONSELHO DIRETOR 2009-2010

Presidente: Pedro Gomes de Oliveira Lopes Jr.

Vice-presidente: Regina Murat

1ª Secretária: Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

2ª Secretária: Luciana Carvalho

1ª Tesoureira: Clara Sauberman

2ª Tesoureira: Mariza d'Abreu

Diretor do Instituto: Aloysio d'Abreu

Vice-diretor do Instituto: Sônia Eva

Tucherman

Secretária do Instituto: Ana Maria Sabrosa

Diretor do Conselho Científico:

Bernard Miodownik

Secretária do Conselho Científico:

Marly Álvares Dias

Diretora do Conselho Profissional:

Leticia Tavares Neves

Secretária do Conselho Profissional:

Ruth Naidin

Diretora da Clínica Social e Centro

de Estudos Psicanalíticos: Anna

Lúcia Melgaço

Secretária da Clínica Social e Centro

de Estudos Psicanalíticos: Eunice

Raposo

Deptº de Publicação, Biblioteca,

Arquivo e Divulgação

Diretora: Sandra Gonzaga e Silva

Secretária: Sonia Cecilia Bromberger

Deptº de Difusão da Formação

Psicanalítica

Diretora: Jane Kezem

Secretária: Nazli Faraj Sasson

Site: Nazli Faraj Sasson

REVISTA TRIEB

Editores: Fernando Rocha, Marci Doria Passos e Viviane Frankenthal
Assessora Editorial: Munira Aíex Proença

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Sandra Gonzaga e Silva

Coeditores: Sonia Bromberger e

Claudio Frankenthal

Projeto Gráfico: Celyne Alvim

Uma noite memorável

Coordenando há quase 15 anos os encontros de Psicanálise & Cinema na SBPRJ, sempre repeti que a enorme maioria dessas noites foram ótimas como atividade lúdica [ver um bom filme em telão] e como reflexão, não só psicanalítica, mas também instrumentada por outras áreas de saber [pensadores de literatura, das artes plásticas, da filosofia, política, história, etc., etc.].

Podem achar que o coordenador seria suspeito ao afirmar que o evento de 15 de maio de 2009 foi daqueles - ainda mais - excepcionais. Perguntem então aos colegas que lá estiveram. Foi bom demais! Lamento por quem não pôde participar.

Susana Schild, roteirista e crítica de cinema, pela quarta ou quinta vez na "Brasileira", mais uma vez usou de seu poder de comunicação direta, franca e bem-humorada ao falar sobre o filme "Carta de uma Desconhecida", de Max Ophuls, adaptado de um conto de Stefan Zweig. A alegria de Susana com os filmes que comenta é transmitida facilmente para os ouvintes que se enriquecem com seu olhar privilegiado de cinéfila.

A Professora Emérita da Universidade de Brasília, Barbara Freitag, pela primeira vez na nossa Sociedade deu um exemplo de dedicação à tarefa da qual se incumbiu, mostrando-se extremamente respeitosa para com nosso convite ao compartilhar o muito que estudou e pesquisou sobre o conto original de Zweig. Apontou as diferenças entre o filme e o texto escrito em alemão, apontou as sutilezas da língua - que ela domina -, chamou a atenção para os termos bivalentes escolhidos pelo escritor no conto que ela chamou de "pesadelo" vienense - em contraste com a construção "de sonho" no contexto de uma adaptação hollywoodiana da década de 1940.

Questionando algo do romantismo inerente ao filme, Barbara salientou ainda mais algo que Susana já havia apontado: a atitude da personagem que não se declara nem se expõe para o homem que ama (?) à distância, esperando sempre um re-conhecimento que ele nunca lhe propicia. Mais do que uma "desconhecida", uma "não-reconhecida" com suas feridas narcísicas, expectativas históricas e auto-complacência masoquista? Um prazer infantil, esperando ser "descoberta"? Mas como foi dito por Winnicott: a criança adora brincar de esconder da mãe; mas se não for encontrada, é uma tragédia...

Foram questões como essas que os colegas presentes em grande número puderam levar consigo depois do verdadeiro banquete de idéias oferecido pelas debatedoras - e pelos que se manifestaram do auditório. Destacou-se a presença da Dra. Marialzira Perestrello, que venceu bravamente os degraus rumo ao terceiro andar da sede, certa de que assistiria um grande encontro. Temos certeza de que as expectativas foram até mesmo suplantadas!

Luiz Fernando Gallego

Convite

A Livraria Letras e Expressões e a Editora Revinter convidam para o lançamento da 2ª edição da obra "O dia em que Che Guevara e Winnicott se encontraram" de autoria do colega Sergio Belmont. Dia 9 de junho de 2009, 3ª, das 19h às 21h30, na Livraria Letras e Expressões Leblon.

Programação científica

No mês de junho continuaremos com temas clássicos, mas sem descuidar do que muda e se renova.

Sessão Clínica Mensal

No dia 04/06 teremos um material clínico trazido por Simone Grinapel Prais em que ela dará ênfase a determinadas reações contratransferenciais surgidas nas sessões e a maneira como as utilizou no processo. Será comentado por Aloysio d'Abreu, partindo das referências apresentadas em seu trabalho na Reunião Científica de maio.

Forum Livre de Psicanálise

Devido ao grande interesse despertado pelo caso, no dia 18/06 Carlos Doin prosseguirá com o artigo discutido em maio "The man who was tied up" do IJPA. Em breve, também a pedidos, voltará a discutir seu trabalho apresentado no último Congresso.

Simpósio Amor e Ódio na Teoria e na Clínica Psicanalítica

No final do mês a Reunião Científica Mensal e o Psicanálise e Cinema se juntam para um Simpósio sobre o tema. Após a publicação de vários pequenos artigos numa revista da IPA, nossa colega Marly Dias sugeriu desenvolver esse assunto entre nós, já que Amor e Ódio, que sempre esteve presente em Freud, é um tema que engloba vários outros [pulsões, mundo primitivo, sexualidade, relações humanas, transferência e contratransferência] e que foi utilizado de formas diversas por diferentes escolas. A programação completa segue em anexo.

Quem quiser se preparar para o evento, os textos se encontram na Revista del Actualidad del IPA [imprensa ou eletrônica] dezembro de 2008 e no Boletim eletrônico nº 7 [site da IPA, procurar em Notícias de la API].

Bernard Miodownik

Clínica afinada

Foi um profundo prazer participar da sessão clínica sobre sonhos apresentada por nosso querido professor Oscar Paixão Carrera Jr.

Não é raro assistirmos sessões clínicas muito boas na Sociedade, mas nesse caso havia um gosto especial. Muitos de nós já assistiram as aulas de Oscar, sua firmeza e humor na transmissão dos conceitos psicanalíticos, mas poucos haviam tido a oportunidade de vê-lo mostrar seu trabalho clínico.

E nesta noite ele nos permitiu acompanhar um processo clínico muito rico bem conduzido e nos brindou com a possibilidade de integração entre teoria e clínica, a importância de pensar metapsicologicamente.

Assim como falamos da boa música, quando letra e melodia se harmonizam, esta integração, esta afinada nos permite reconhecer um bom analista.

Obrigada Oscar, uma vez mais.

Maria Helena Junqueira

Café Literário

Ainda que o clima fosse de expectativa pelo encontro de literatura e psicanálise que viria em seguida, não deixamos de aproveitar das leituras de nossa reunião de maio. O grupo estava acrescido daqueles que vieram atraídos pela divulgação do evento e compartilharam com satisfação do resumo que Gallego fez do *Clube do filme*, livro de David Gilmore que ele está resenhando, dos comentários de Zé Candido sobre *Leite Derramado*, último livro de Chico Buarque, da viagem de auto conhecimento de Tatiana Salem Levy, em seu *A Chave da Casa*, trazido por Áurea e do transbordamento de erotismo e culpa na escrita seminal de F. Scott Fitzgerald. Fechando com humor um conto hilariante de Carlos Aczelrad.

Sandra Gonzaga e Silva

Encontros do Café Literário

A vida como ficção

“Somos feitos da matéria dos nossos sonhos” advertiu Shakespeare. Foi, justamente, em uma atmosfera onírica que transcorreu o *Encontro do Café Literário* na última sexta-feira. É escusado tratar da competência de Fátima Amin e Luiz Alberto de Oliveira discorrendo sobre física quântica, psicanálise, Borges e a alma humana, demonstrando que a criação literária e a psicanálise engendram uma história ou a história de um sujeito, através da trama das palavras. Carece ressaltar, especialmente, os afetos despertados em cada um de nós a partir do que experimentamos ao ouvi-los. Nós, surgidos do acaso de distintos encontros, estávamos ali reunidos graças ao sonho de Freud, sonho de criar um estatuto para o devir humano, por meio de uma ficção teórica que resistiu a inúmeras intempéries, internas e externas ao seu meio; que sobreviveu, até mesmo, à fogueira do totalitarismo nazista e stalinista. Analogamente ao herói de Borges, que pretendia realizar um homem, sonhando-o, Freud se obstinou em sonhar o sujeito “com integridade minuciosa e impô-lo à realidade”.

A literatura borgeana nos revela que a partir de uma bifurcação inicial – sim / não, ou fort / da, ou pulsão de vida / pulsão de morte, como preferimos, criamos e percorremos um labirinto singular, que chamaremos vida, posto que, a palavra e suas pausas, os sins e os não, conferem existência ao vivido. Em nossa seara só existe aquilo que pode ser dizível. É o continente linguageiro que nos permite ser atravessados pelos afetos, sem nos consumir em suas chamas, admitindo que uma história feita de som e fúria seja recontada infinitas vezes, conduzindo-nos através dessas narrativas, da repetição estéril do sintoma em direção a uma vida que valha a pena ser vivida. Obrigada Fátima e Luiz Alberto por lembrar-nos que a direção da cura na psicanálise reside em tratar a realidade como ficção, portanto, passível de ser reescrita.

Aida Ungier

Tem na Biblioteca

2009, ano da França no Brasil. Qual a obra no acervo que melhor homenagearia a Psicanálise desse país tão presente no nosso imaginário? De Andre Green, escritor amplo no pensamento e na produção e que esteve tantas vezes entre nós, não faltam opções. Assim como de Elizabeth Roudinesco, historiadora da Psicanálise na França. Ou Joyce McDougall que conseguiu harmonizar influências francesas e inglesas. Todos merecem, mas o lugar de honra vai para o Vocabulário da Psicanálise, de Laplanche e Pontalis. Exemplo do método de teorização e reflexão da psicanálise francesa, poucos são os psicanalistas brasileiros que não o utilizaram na sua formação. A primeira edição é de 1967, um quarentão que continua na plenitude das suas capacidades na mesma forma como queremos a nossa cinquentona SBPRJ.

Membros fundadores

Após Marialzira Perestrello e Inaura Carneiro Leão, o trio feminino dos membros fundadores se completa com Zenaira Aranha. Personalidade marcante, muito dedicada ao trabalho clínico e à formação de analisatas, produziu menos trabalhos escritos do que suas duas contemporâneas. Mas são artigos que merecem ser revistos pela preocupação em fundamentar teoricamente a clínica e por retratarem uma forma específica de trabalho psicanalítico. Artigos tais como “Da regressão” [em cópia mimeografada] de 1968 com interessante material clínico embasado por citações de Melanie Klein, Bion, Paula Heimann e Meltzer. O artigo mais recente foi “Julien Green e Melanie Klein” como colaboradora de Rui Hansen e publicado no Boletim Científico em 1986 a partir de uma apresentação no ciclo Psicanálise e Arte em nossa Sociedade.

Bernard Miodownik

Notícias do site www.sbprj.org.br

Nossa Sociedade teve participação expressiva com trabalhos neste último Congresso Brasileiro. Para que todos possam tomar contato com os textos dos colegas, está sendo disponibilizado em Publicações/ Artigos alguns desses trabalhos:

- “A Compulsão nossa de cada dia” de Miguel Calmon.
- “O mal-estar contemporâneo e a felicidade paradoxal” de Aída Ungier.

Ainda em Publicações/Artigos em área restrita [usar log in e senha] temos:

- Comentário de Sessão Clínicas de Lia Nazareth e outro de Miguel Calmon
- Trabalho Clínico de Lia Nazareth e três de Maria Lucia Gomes de Amorim: “Cadê o olhar de minha mãe”; “Existe um lugar para mim?” ; “Posso dormir sem morrer?”

Para aqueles que queiram também disponibilizar seu trabalho apresentado no Congresso, favor enviá-lo, por e-mail, para Celyne ou Daniel informando se há vinhetas clínicas.

Nazli Sasson | nazli@bighost.com.br

Divagar é preciso

Livro: Confissões do Impostor
Felix Krull
Autor Thomas Mann
Editora Nova Fronteira

O Herói Farsante

Uma leitura curiosa. Surpreendente. Trata-se do último livro publicado de Thomas Mann um ano antes de sua morte. Excelente a tradução de Lya Luft. O grande escritor alemão viveu oitenta anos, atravessando o século XIX em direção ao século XX [1875-1955], publicando obras inesquecíveis, consagrado com “A Montanha Mágica”, leitura básica para qualquer discussão sobre literatura. Ao apagar das luzes decide terminar um livro que o acompanhou durante sua vida. As confissões do narrador Felix Krull são providas de uma irreverência espirituosa, na qual está sempre em questão a figura do impostor diante da realidade que lhe é apresentada, as oportunidades que a vida fantasiosa o leva a seguir, veredas onde o talento e sorte do nosso personagem estão imbricadas. O mais interessante nas aventuras de Felix Krull é o respeito à verdade. Apaixonado pela vida defende a gratidão como um dos alicerces das “mais doces alegrias”. O universo onírico percorre o livro assim como observações a partir de uma percepção refinada das manifestações do “inconsciente”. Cumpre ressaltar que o termo é citado pelo autor desde as experiências subversivas no subsolo da “Montanha Mágica” o que sugere um conhecimento da psicanálise. Privilegia as emoções que nos chegam através dos sentidos em detrimento do valor dado às palavras. Sem antecipar a trama a fim de que os próximos leitores fiquem aguçados para conhecer os imprevistos do nosso impostor, Felix recebe uma proposta de troca de identidade com um aristocrata, na qual ambos saem ganhando perante o jogo da vida. Enfim, sonho de infância realizada, bem sucedida, sem mentiras. Ético. Tudo que falta nesse momento ao nosso país.

Maria Eleonora Nascimento e Silva